

MEDICINA, HISTÓRIA, FOLCLORE

Odilon Nogueira de MATOS

A necessidade de consultar dois tópicos nos Mello Moraes – um sobre a divisão do Império do Brasil em cinco monarquias confederadas, no primeiro; outro sobre Carlos Gomes, no segundo – sugeriu-nos algumas considerações sobre os dois polígrafos bastante conceituados em certa época, mas praticamente esquecidos hoje. E se associamos, no título desta crônica, três importantes áreas do conhecimento – a medicina, a história e o folclore – é justamente porque foram as áreas nas quais, com maior ou menor frequência, atuaram os dois escritores, com muitos traços comuns, mas também com tendências e inclinações diferentes.

Deles se poderá dizer que o pai eclipsou o filho. O velho historiador alagoano (1816-1882) deixou uma obra que, se não é das mais brilhantes de historiografia brasileira, é, contudo, das mais úteis, pois soube fundamentá-la com excelente embasamento documental. Sílvio Romero criticou-lhe a falta de método. Era homem de arquivo e, de posse de uma quantidade incrível de documentos, não soube, entretanto, dar-lhes o tratamento que uma boa metodologia exigiria. Foi, ainda, Sílvio quem dele disse que ele “se limitou quase a dar à estampa as riquezas que possuía”. Ainda bem que o crítico sergipano empregou um “quase”, que torna menos rigorosa sua observação.

A obra mais importante do velho Mello Moraes, *História do Brasil-Reino e do Brasil-Império*, é quase um livro-fonte para conhecimento das épocas que estudou. Daí sua utilidade e quase indispensabilidade. Nele há de tudo e certamente reside aqui a falta de método apontada por Sílvio Romero. Ainda bem que o livro traz índice, o que nem sempre ocorria com livros da época. Suas 1200 páginas consti-

tuem quase que uma enciclopédia histórica, com transcrições integrais de documentos, além de textos de diversos autores, nem sempre citados com a devida clareza e correção. É obra mais para consulta que para leitura. Mas, é repositório imprescindível, reunindo informações dificilmente encontráveis em outro local.

Foi publicada em 1871 e 1873 (dois volumes) e só mereceu reedição mais de cem anos depois, aliás uma bela reedição pela Itatiaia, de Belo Horizonte, em sua preciosa coleção “Reconquista do Brasil” (volumes 63/64 da nova série, 1982). Anote-se que, nas quatro “orelhas” das capas dessa reedição, vem reproduzido todo o verbete que ao autor dedicou Sacramento Blake em seu clássico dicionário bibliográfico, originalmente cinco páginas, arrolando mais de cinquenta publicações, algumas em dois, três e até quatro volumes.

Divide-se sua obra entre a medicina e a história. Esta sobrepujou aquela. Mas, convém recordar que foi pela medicina que começou e sobre temas médicos versam os primeiros quatorze trabalhos que publicou, iniciando-se a relação com a tese apresentada para obtenção do grau de “Doutor em Medicina”: “Considerações fisiológicas sobre o homem e sobre as paixões e afetos em geral”, 114 páginas, publicada na Bahia em 1840. Retomou esse assunto quase vinte anos mais tarde – “Fisiologia das paixões e afecções”, em três volumes, publicados no Rio de Janeiro em 1854/1855.

No campo médico, sua maior contribuição foi em prol da homeopatia, da qual foi um dos pioneiros no Brasil, tendo redigido, na Bahia, entre 1850 e 1853, “O médico do povo”, jornal destinado à propaganda da medicina homeopática. E dos seus quatorze títulos “médicos” arrolados por Sacramento, nada menos que dez tratam da homeopatia. Outros versam sobre “as epidemias que assolam a terra” (1873) e sobre a botânica brasileira aplicada à medicina (1878). E ainda os outros dois já citados, sobre as “paixões e afecções”.

Vale, contudo, insistir que é como autor de trabalhos históricos que seu nome é lembrado hoje. Era vasto o seu interesse nesta seara: relações internacionais, movimentos políticos, diplomacia, militarismo, organização administrativa do país, biografias (em grande número), além de algumas obras gerais do tipo das antigas corografias, que encerram informações preciosas sobre o Brasil. Se usamos a expressão “autor de trabalhos históricos” para qualificá-lo, é porque, dentro da conceituação atual, dificilmente poderíamos considerá-lo historia-

dor. Para isto se exigiria algo que não se encontra em suas páginas. Mas, diga-se a verdade, são páginas que nenhum historiador moderno poderá desprezar, pois em escritos dessa natureza é onde se abeberam muitos dos novos historiadores, embora nem sempre os citem...

Tal como o pai, o filho (1844-1919) também se formou em medicina e o primeiro trabalho que publicou, em 1876, foi precisamente a tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para a validação de seu diploma, uma vez que se formara na Bélgica. Mas, nada mais escreveu sobre medicina. Preferiu dedicar-se ao jornalismo, com incursões pela poesia, pela arte e pelo folclore.

A cultura dos ciganos despertou-lhe muito interesse e foi dos primeiros, talvez mesmo o primeiro a escrever sobre esses grupos nômades. Tanto quanto a do pai, Sílvio Romero valorizou-lhe a obra. Vale a pena ler o prefácio que escreveu para as “Festas e tradições populares do Brasil”: “Por mais que tenha de ser acidentado o caminho do Brasil através dos tempos, quaisquer que tenham de ser as desilusões que o destino lhe reserve, a nossa raça há de sobreviver no futuro e, quando os sonhadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro de nossas tradições, os dois livros de Mello Moraes não de ser chamados a depor, como documentos autênticos, porque neles vive a grande alma deste País”.

Quem nos aproximou do segundo Mello Moraes foi nosso querido e saudoso amigo dr. Leibnitz Tavares Hovelacque, distinto advogado e jornalista de Poços de Caldas, infelizmente já falecido. Visitando-o numa das nossas freqüentes estadas na bela estância mineira, propicionou-nos ele a oportunidade de conhecer raríssima obra de cuja existência, confessamos, nem sequer suspeitávamos: “Artistas de meu tempo”, de Mello Moraes Filho, publicada em 1904 pelo velho Garnier. O que levou o bom amigo de Poços de Caldas a chamar nossa atenção para o livro foi o extenso capítulo que nele se insere, sobre Carlos Gomes. Nem imaginávamos que o autor baiano houvesse em alguma ocasião se ocupado do compositor campineiro. De fato, como observamos posteriormente são raras as referências a esse trabalho. É verdade que ele vem citado (e tal seria se não o fosse...) por Roberto Seild no ensaio de bibliografia sobre Carlos Gomes publicado em o número especial da “Revista Brasileira de Música”, comemorativo do centenário do autor de “O Guarani”, transcrito em 1936.

Contudo, o texto de Mello Moraes Filho continuava praticamente desconhecido, e foi esta circunstância (que comprovamos devidamente) que nos animou a reproduzi-lo integralmente em o número especial de “Notícia Bibliográfica e Histórica” (123) todo ele consagrado ao sesquicentenário do Carlos Gomes, publicado em 1986. E também como uma forma de testemunhar nosso agradecimento ao querido amigo de Poços de Caldas, infelizmente falecido poucos meses depois e que, talvez, nem tenha chegado a ver nossa publicação.

Não sem propósito, gostaríamos de recordar mais alguma coisa do segundo Mello Moraes, que anda bastante esquecido. Poucos a ele se referem. E se não fosse uma reedição de suas “Festas e tradições populares”, lançada em Belo Horizonte também pela Itatiaia, nem teríamos o que o recordasse.

Nascido na Bahia em 1844 (ou 1843, segundo algumas fontes), informa Raimundo de Menezes que teve de lutar com enormes dificuldades financeiras no início de sua carreira. Pensou no sacerdócio, chegando a cursar o seminário e receber as ordens menores. Mas, decidiu-se pelo jornalismo e nesta qualidade conseguiu ir para Londres dirigir um jornal brasileiro que lá se editava.

Da Inglaterra foi para a Bélgica, onde decidiu-se pelo curso médico, retornando ao Brasil, apesar de defender tese para a validação de seu diploma, foi ao jornalismo que se consagrou até o fim da vida, em 1919. Interessado pelo folclore, escreveu o já citado estudo sobre os ciganos no Brasil e as “Festas e tradições”, que mereceu lisonjeira apreciação de Sílvio Romero. E deixou uns poucos, mas interessantes trabalhos históricos, resultados de suas pesquisas como diretor do Arquivo Histórico do Rio de Janeiro, sua última função pública no Brasil.

Publicado originalmente no “Jornal da Associação Paulista de Medicina”, número de outubro de 1991.